

SC11. Literatura e Gênero Regionalista

Isamarc Gonçalves Lôbo

UM CANGACEIRO IMPIEDOSO *VERSUS* UM RETIRANTE OPRIMIDO

*Josefa Fernanda Rodrigues Correia*¹

*Nelson Elieser Ferreira Júnior*²

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar a representação do gênero masculino em duas obras nordestinas sob a perspectiva de Albuquerque Junior (2013). Ao longo do trabalho será analisado a representação de Lampião na peça “Lampião” e Chico Bento no romance regionalista “O Quinze”. Ambas pertencentes à escritora, Rachel de Queiroz. Temos por finalidade contrastar os dois personagens mostrando-lhes em condições adversas. Lampião rompendo os princípios estabelecidos pela sociedade, e Chico Bento numa condição inferior, sendo injustiçado pela sociedade. Analisamos duas representações nordestinas: um cangaceiro e um retirante. Ao longo da análise desconstruímos a imagem do homem ser macho e desfizemos a ideia de o Nordeste estar exclusivamente vinculado à seca. Para efetivação do trabalho, nos aprofundamos em outras áreas do conhecimento, como história, lendo os críticos Grunspan-Jasmin (2006) e Zuza (2008) que investigaram a participação dessa figura histórica que originou a personagem.

Palavras-chave: Gênero Masculino; Injustiça Social; Superioridade.

1. ABORDAGEM ACERCA DOS OBJETOS DE ESTUDO: CHICO BENTO & LAMPIÃO

Este trabalho tem por finalidade investigar duas representações do gênero masculino nas obras “O quinze” e a peça “Lampião”. Ambas da escritora Rachel de Queiroz. As duas perspectivas contrapõem-se, visto que, naquela obra tem-se o nordestino como oprimido, injustiçado por um conjunto de leis que privilegiam os grandes fazendeiros, menosprezando uma maioria da qual Chico Bento, nosso objeto de estudo faz parte. Chico Bento constitui claramente a representação do nordestino que resiste à seca, tenta sobreviver no sertão áspero que tanto o castiga. Ele representa a maioria dos brasileiros que migram para outras regiões à procura de melhores condições de vida, constituindo assim, o retirante. Desbrava o sertão com um único objetivo, sobreviver.

¹ Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras-PB.

² Professor Adjunto da UFCG/Cajazeiras, lotada na Unidade Acadêmica de Letras, área de Literatura Comparada.

Temos a representação de Lampião³ na peça que contrapõe aos princípios e comportamento de Chico Bento. Aquele representa uma ameaça ao estado, pois não seguia nenhum tipo de lei estabelecida. Já Chico Bento é injustiçado pela sociedade da qual ele faz parte.

Na peça, Lampião era o interventor do sertão. Era o imperador e detinha o poder. Na peça desde cedo o meio determinou seu comportamento e foi responsável por formar esse cangaceiro orgulhoso e impiedoso, que carregou Maria Déa, a mulher do sapateiro. Matava sem nenhum receio, até seus próprios companheiros se o insultassem e ferissem seu orgulho, eram mortos. É a grande representação do “cabra macho” de o Nordeste, que é viril e não aceita imposições. Para Lampião a honra imperava. Preferia a morte a não ter honra, não aceitava ser desrespeitado e insultado, quem ousasse teria a morte como refúgio. Lampião matava por prazer, não tinha compaixão, sua maior vaidade era ver o sangue escorrendo, demonstrando a submissão, a fraqueza, diante dele. Desconfiava de todos, até da própria companheira. Impunha medo e respeito em todo seu bando. Nem a represália do governo o fazia se regenerar. Segundo Albuquerque Junior (2013) no Nordeste até a mulher seria macho⁴ como parecia queixar-se cada vez mais os próprios discursos masculinos na região. Percebe claramente ao investigar Maria Bonita que insulta seu marido, Lauro, o sapateiro, evidenciando a virilidade da mulher. Além do mais, uma mulher fria que para ficar do lado de Lampião submeteu-se a abandonar seus filhos para viver uma vida repleta de aventuras e conflitos. Em contraposição desse lado malvado, sombrio e valente, o rei do cangaço cultuava o misticismo, tendo muito respeito e fé por seu padrinho Padre Cícero como demonstrará mais adiante ao analisar a peça. Vamos ver o misticismo fervoroso dele ao rezar em homenagem ao Padre Cícero pedindo-lhe proteção nos momentos mais impactantes e aterrorizantes de sua vida.

Este artigo analisa os dois objetos de estudo mediante a perspectiva de Albuquerque Junior (2013) sob o olhar de três tipos de homem nordestino: o eugênico, telúrico e rústico. O primeiro compactua a ideia de que a constituição biológica que determina o comportamento do homem, das virtudes e princípios. O segundo seria o meio que moldaria e constituiria os

³ Figura histórica que desbravou todo o sertão cometendo crimes hediondos. É uma figura ilustre, símbolo de valentia e superioridade. Até o próprio Governo evitava contato com Virgulino Ferreira da Silva. Entrou no cangaço muito cedo, o conflito com um vizinho por conta de uma cabra foi significativo para provocar grandes estripulias por onde passava. Muito cultuado e repudiado por muitos que não compartilhavam com suas atitudes tão radicais e hostis.

⁴ Esta mulher seria um tipo que fugiria do convencional. Daquela mulher frágil, sensível, que teria uma única finalidade: gerar descendentes. Maria Déa é uma mulher macho no aspecto de enfrentar seu próprio marido, de ter coragem de abandonar seus filhos para se aventurar ao lado de lampião, de lutar pelo que almejava.

valores do homem nordestino. O terceiro seria constituído pela violência e o derramamento do sangue.

Ao longo da produção desconstruiremos o estereótipo de o nordeste estar vinculado à seca, e, mostraremos que a conotação de o nordestino ser macho deve ser repensada após analisar a obra. São estas imagens que ao logo do trabalho vamos desmistificar, mostrando outras perspectivas e outras formas de ver o nordestino, não simplesmente por estes lados.

2. A REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO MASCULINO NA PEÇA “LAMPIÃO”

Esta peça é dividida em cinco quadros que narram copiosamente todas as proezas realizadas pelo personagem Lampião. De início, desconstruímos o estereótipo do homem nordestino “ser macho” ao analisar o comportamento de Lauro diante de uma cobra morta trazida por Maria Déa, sua esposa. Ela chega de um rio e começa a insultá-lo e dizer-lhe que ouviu dizer que o bando de Lampião andava afrontando as pessoas do vilarejo, o que deixa Lauro muito preocupado. Após Maria enviar-lhe um bilhete dizendo que viesse buscá-la, Lampião vem buscá-la trazendo um vestido de noiva para ela sair como chegou pura. Voltando para o acampamento todos já estavam o esperando para saberem o que iriam fazer com dois viajantes. Lampião de imediato decidiu escrever uma carta com a pretensão de estabelecer um acordo com Estado, selando a paz entre eles. Os viajantes levam a carta com a presença de alguns cangaceiros, inclusive seu irmão. Neste contratempo, ele percebe que Sabino, seu grande companheiro, começa a dominar seu espaço, o que faz com que Lampião o mate sem nenhum ressentimento. Os cangaceiros voltam da viagem e trazem a notícia que Antônio, irmão do chefe, havia falecido de uma fatalidade. Lampião, desconfiado, mata-os. Ponto-Fino era muito agressivo e começou a demonstrar interesse por Maria Bonita. Lampião ao perceber que estava sendo traído, mata-o também, evidenciando frieza e superioridade. Depois de o acampamento secar as folhas, faltar alimentos e água, os cangaceiros, que restavam, migram para debaixo de uma pedreira onde são executados pela polícia. Mata-os e degolam as cabeças dos cangaceiros para representar força e conquista depois de tantos anos tentando aniquilar definitivamente estes “mal-feitores”.

Pensando que o sertão seria a principal influência, responsável por formar homens tão rudes, ásperos, ignorantes e fortes, capazes de resistir as mais impiedosas e catastróficas secas, que vamos investigar sua representação na peça “Lampião”. Construindo e desconstruindo a imagem que o homem tinha que ser superior e jamais um homem podia se

curvar diante de outro, pois representava fraqueza. Esta fraqueza pode ser percebida no sapateiro ao se curvar diante de Lampião pedindo compaixão e implorando que não levassem sua esposa, pois ela tinha duas crianças pequenas que necessitavam do carinho e presença da mãe. Este episódio provocou nojo em Lampião por ver um homem naquela situação. “LAMPIÃO (*com nojo.*) – Não se ajoelhe nos pés de outro homem, criatura. Serei santo, por acaso? E não me peça nada, que a vontade é dela. Eu, se vim aqui, foi porque ela me chamou.” (QUEIROZ, 2005, p. 24)

Pensando nisto que analisamos as duas obras supracitadas no início como forma de demonstrar as diversas representações do nordestino na literatura brasileira, e desconstruir a imagem de seca e pobreza. A peça que deu embasamento teórico para efetivação deste trabalho mostra Lampião numa representação extremamente convencional, a de ser bandido, um foragido, que sente prazer nos sofrimentos alheios e não aceita ser alfinetado.

Trazendo intrinsecamente a ideia de Albuquerque Junior (2013) “No nordeste, até as mulheres seriam masculinas, como pareciam queixar-se cada vez mais os próprios discursos masculinos na região”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.153) Percebemos na peça, na citação abaixo, esta mulher viril. No seguinte momento: depois de Maria Déa mostrar uma cobra ao seu marido, o sapateiro manifestou medo. Dela tanto insistir que ele matasse outra cobra, ela acaba desabafando e mostrando seu lado viril e demonstrando que na literatura o estereótipo do homem ser macho, ser destemido, valente, não ter medo de nada é desconstruído na extração do trecho abaixo.

MARIA DÉA – o pior de você é essa moleza, essa falta de ação. Podia ser de uma parte ou de outra, que eu não me importava. Ora, até na polícia tem homem. Mas você tem medo dos dois. (*Pausa.*) Tem hora em que me parece que não sou casada com um homem – que sou casada é com outra mulher que nem eu (QUEIROZ, 2005, p. 20).

Em outro trecho comprova-se o grande questionamento acerca do estabelecimento dos papéis para homem e mulher na sociedade. Neste caso, Maria Déa continua insultando seu marido por ele não trabalhar no pesado e não fazer atitudes próprias de homens machos, desconfiando da sua virilidade simplesmente por ele não agir como a maioria dos homens agem. Demonstrando sua masculinidade em algumas atitudes como vemos na citação abaixo.

MARIA DÉA – Você não monta a cavalo, não enfia uma faca na cintura, não bota cachaça na boca, nunca deu um tiro na vida, não é capaz de fazer a menor estripulia, como qualquer outro homem. Vivi aí, nessa banca, remendando sapato velho,

ganhando um vintém miserável, trabalhando sentado feito mulher... (QUEIROZ, 2005, p. 17)

O que nos levar a crer, que estes papéis estão bem construídos na sociedade e que descumprir ou não seguir estas leis, será automaticamente hostilizado diante das suas atitudes, assim como aconteceu com o sapateiro, que por não seguir as convenções estabelecidas pela sociedade, não realizando trabalhos que exigem força, principal característica do homem. Tem que ser forte e destemido, capaz de enfrentar o sertão tão hostil.

Feita estas considerações, analisamos a representação do nordestino ainda sob a perspectiva do crítico Albuquerque Junior (2013) que define três tipos de homens: o eugênico, o telúrico e o rústico, este é o que mais se adéqua a personalidade e comportamento do cangaceiro. O primeiro seria a constituição biológica que determinaria o comportamento do homem. Assim em uma parte da peça Ezequiel, irmão mais novo de Lampião começa a desafiá-lo, e este como não aceitava ser humilhado, empurrou-lhe a faca sem nenhum tipo de compaixão, e receio. E ainda disse-lhe que ele não merecia morrer como homem e sim como animal. A arma representava a masculinidade do nordestino. Maria Bonita inconformada com a cena que presencia e a frieza do companheiro ao matar seu próprio irmão, seu sangue, sem nenhum tipo de ressentimento lhe diz o seguinte, que comprova que era a raça que determinava o comportamento dos cangaceiros, já seria algo natural, desde cedo trariam na sua herança genética a maldade e a frieza, e incompaixão. “MARIA BONITA (*chorando, aos gritos.*) – Sangue de Caim, é o que vocês todos têm! Sangue amaldiçoado, pior que bicho bruto!” (QUEIROZ, 2005, p.94)

O homem telúrico seria o meio que determinaria seus valores. Neste tipo, a raça não é mais responsável por moldá-lo. A natureza que influenciaria e que formaria este homem forte, resistente à seca. O sertão, deste modo, teve a incumbência de construir Lampião, uma figura extremamente máscula e viril. Só um macho poderia se defrontar com uma natureza tão hostil. No trecho seguinte percebemos claramente que Lampião foi influenciado pelo meio ao qual pertencia. Entrou no cangaço a fim de vingar a morte do seu pai. O desejo de vingança foi a gota d’água para sua entrada definitiva neste meio que impera e participa só os destemidos, como percebemos na citação a seguir: “[...] Lampião viveu em paz até a idade de 16 anos, e só entrou no cangaço porque a polícia matou o pai dele. Que é que um homem pode fazer, senão se vingar? (*Escuta.*) Os tiros pararam...” (QUEIROZ, 2005, p.19)

No homem rústico, a violência, a luta, o derramamento de sangue seriam os aspectos norteadores e característicos. Segundo Albuquerque Junior (2013), “o nordeste fora, no

passado, uma terra para quem não tinha medo de morrer nem remorsos de matar.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.175). Esta citação resume muito bem a personalidade de Lampião. Este tipo de homem é o mais condizente e semelhante às atitudes e o comportamento dele. Percebemos claramente na peça alguém extremamente malvado, que matava a queima roupa, impossibilitando no outro qualquer tipo de reação. Era cruel e perverso. Tinha o prazer de ver o sangue escorrendo, uma vez que, representaria para ele vitória, força e superioridade que tanto era manifestada e expressada por Lampião nos crimes hediondos. Trazia consigo o destemor e valentia. Nada o afrontava. Usufruí de sua superioridade, não recuava diante de nada. Não tremia vendo o sangue correr quando matava friamente alguém. Nós percebemos estes requintes de crueldade no momento que ele pede para seu irmão acompanhar uns viajantes, juntamente com outros cangaceiros. Vale salientar que seu irmão era despeitado com todos. Os cangaceiros ao voltarem, sozinhos, trouxeram a notícia que Antônio, irmão de Lampião, havia sido morto depois de a arma disparar sozinha, Lampião sem acreditar, dispara impiedosamente vários tiros nos companheiros, como percebemos no trecho a seguir.

Lampião (*volta-se para Sabino e grito com voz aguda.*) – Fogo neles, companheiro Sabino! (*Ele próprio detona o parabellum e se volta para os demais.*) Fogo neles, meninos!
Fuzilaria. Os cabras caem, baleados mortalmente. Ezequiel, solto, avança como um demônio para os corpos caídos no chão, com a faca erguida. (QUEIROZ, 2005, p. 61).

Em outro trecho da peça constatamos a presença do homem rústico, ao matar seu companheiro Sabino sem nenhum ressentimento por se sentir ameaçado, como observamos no trecho abaixo.

[...] *Deflagra de repente a pistola, fuzila SABINO com três tiros à queima-roupa. Quando VOLTA-SECA salta de lado, SABINO tenta sacar a arma, mas não tem tempo; cai, antes que sua mão alcance. LAMPIÃO recua, sopra o cano do parabellum. PONTO-FINO se aproxima, empurra de leve o defunto com o pé, solta uma risadinha nervos* (QUEIROZ, 2005, P. 75).

Outro aspecto que merece se aprofundar é a honra pessoal. Segundo Albuquerque Junior (2013) “[...] A honra não podia ser atacada nem por outro homem, nem por sua mulher. Um homem sem honra não existia mais, era considerado um pária na sociedade. [...]” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 179). Ainda relacionado ao aspecto da honra, percebemos claramente que ela tinha que imperar. Por isso que Lampião não aguentava nem

um tipo de ofensa, pois era questão de honra. Ele tinha um nome a zelar. Assim como não aceitava ser posto para trás, e principalmente, tratando-se de irmão seu. Percebemos seu orgulho acima de tudo, no momento em que ele carrega Maria Déa para o seu acampamento. Ele lembra-lhe o motivo de não querê-la com os filhos. Causando nele uma rejeição só em pensar que outros poderiam usufruir do corpo dela, como vemos adiante. Seus filhos neste caso representariam uma traição, uma ameaça. “[...] Mas filho teu, não, Maria. Não quero menino contigo, dormindo na tua rede, te agarrando, te chupando. Nem com filho te reparto. (QUEIROZ, 2005, P. 55)”

Percebemos nesta obra também o papel da mulher submissa, de não ter liberdade de expressão. Como se o homem fosse inigualável, e por mais que qualquer mulher fosse forte, destemida nunca chegaria aos seus pés, como percebemos adiante. “Lampião – Cale a boca. Não se compare comigo. Você é mulher, e basta.” (QUEIROZ, 2005, p. 55)

Em contrapartida a todas estas maldades efetuadas por Lampião, identificamos no personagem seu lado mais humano, ao perceber em alguns trechos o misticismo e sua devoção. Evidenciando que ele tinha fé e era cristão ao reproduzir símbolos do catolicismo. Em um momento na peça, solenemente, ele realiza um símbolo da igreja católica, além do próprio ato de respeito ao tirar o chapéu da cabeça, vejamos: “LAMPIÃO (*ajoelha, faz o pelo-sinal, põe as mãos, reza uma oração rápida. Apanha o chapéu, beija uma medalha que há nele, benze-se novamente, levanta-se. Fala com MARIA BONITA.*) – E você, não reza?” (QUEIROZ, 2005, p. 84)

Comprovamos a devoção e o misticismo de Lampião em outros dois casos. O momento que ele carrega Maria Bonita do sapateiro e a consagra sua legítima esposa, tirando aliança dela, e dando-lhe um anel de ouro. Simbolizando a união e também faz parte da crença. É o que percebemos no trecho seguinte:

LAMPIÃO – Sai vestida de noiva, como veio! (Para MARIA DÉA.) Me dê a sua mão, Maria. (*Apanha-lhe a mão esquerda, arranca a aliança de casamento que nela está nela, atira-a longe. Do próprio anular retira um anel com pedra grande, enfia-o no dedo de MARIA DÉA.*) Agora, o seu anel é ente (QUEIROZ, 2005, p. 28).

O terceiro caso de misticismo comprava-se no momento que Ponto-Fino agoniava-se para morrer, após receber uma punhalada de Lampião, que Maria Bonita pede para trazer uma vela. Símbolo forte do catolicismo. Vejamos a seguir. “MARIA BONITA (*agarra aos braços de Lampião.*) – acende uma vela, Pai-Velho, acende uma vela! Não deixa que ele morra sem uma vela na mão!” (QUEIROZ, 2005, p. 94)

Realizada a análise da representação de Lampião na peça, partiremos agora, para investigar a representação de outro tipo de nordestino, o retirante. Tomando como objeto de estudo o personagem Chico Bento, para que possamos perceber as divergências e convergências de princípios, comportamento e valores entre os dois.

3. A REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO MASCULINO NO LIVRO “O QUINZE”

Em “O quinze”, o personagem Chico Bento retrata bem a visão do homem nordestino sofrido, por causa da seca. Sendo ele um vaqueiro que sempre lidou com gado para viver, e que se depara com uma seca que lhe obriga a soltar o gado que cuida do curral para não vê-lo morrer sem pasto e lhe condena a ir embora do sertão em busca do sonho de outro trabalho para sobreviver, com sua família, no norte do país, trabalhando com a borracha. Nesta tomada de rumo, a família sente a mudança, pois para viajarem não conseguem passagens e são obrigados a “ir por terra” o que contribui mais ainda para o sofrimento da família. Chico Bento tenta arranjar o máximo para a família mais tudo que levam na viagem é farinha, rapadura e um animal para levarem a bagagem e ajudar a carregar os meninos.

Na obra, destacamos pontos que caracterizam o homem nordestino assim como na peça analisada acima, mas numa perspectiva diferente, pois enquanto Lampião aparece numa visão de homem destemido, respeitado, viril e frio, Chico Bento aparece na obra com traços de homem sofrido, fraco, dependente dos outros e sobrevivente.

Um dos trechos que destacamos, e que mostra bem essa diferença da representação de Chico Bento em relação à representação de Lampião na peça, é quando Chico Bento ao se juntar com outros retirantes debaixo de um juazeiro reparte com eles o restante de sua carga alimentícia para os livrarem de comer carne doente: “-Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!” (QUIEROZ, 2011, P.40). Nesta citação, podemos identificar além da generosidade também a solidariedade de Chico Bento com próximo ao se preocupar com os alimentos que eles iriam comer, diferentemente de Lampião que em nenhum momento se solidariza com nenhuma pessoa.

Ao contrario do personagem Lampião, que na peça desfrutava de fartura em comida e ouro, no livro, Chico Bento experimentava o triste momento de se ver incapaz de conseguir algo para comer com a família e além de não terem a quem recorrer por ajuda, ele também

não tinha coragem de pedir como mendigo, pois ainda lhe restava algum orgulho que não permitiria tal gesto, como se vê na seguinte citação do livro:

Chico Bento estendeu o olhar faminto para a lata onde o leite subia, branco e fofo como um capucho... E a mão servil, acostumada à sujeição do trabalho, estendeu-se maquinalmente num pedido... mas a língua ainda orgulhosa endureceu na boca e não articulou a palavra humilhante. A vergonha da atitude nova o cobriu todo; o gesto esboçado se retraiu, passadas nervosas o afastaram (QUEIROZ, 2011, P.49).

O personagem acha humilhante o fato de pedir algo que teve durante sua vida, até antes da chegada da seca, se vendo nessa situação de homem dependente da ajuda dos outros para ter o que comer e dar o que comer a sua família.

Nesta obra, a personagem feminina nordestina representada por Cordulina mostra sua obediência ao marido aceitando ir embora de Quixadá, mesmo imaginando como seria difícil sair do seu cantinho e enfrentar o mundo lá fora.

Cordulina ouvia, e abria o coração aquela esperança; mas correndo os olhos pelas paredes de taipa, pelo canto onde na redinha remendada o filho pequenino dormia, novamente sentiu um aperto de saudade, e lastimou-se: - Mas, Chico, eu tenho tanta pena da minha barraquinha! Onde é que agente vai viver, por esse mundão de meu Deus? (QUEIROZ, 2011, P.27).

Nota-se nesta citação o quanto a mulher tinha um papel de submissão ao marido, apoiando-o e acompanhando-o em qualquer situação ou crise vivida. As suas obrigações eram as de mulher tradicional que cuida da casa, filhos e afazeres domésticos como destacamos nos seguintes trechos: “Cordulina remendava uns panos, quando o vaqueiro chegou.” (QUEIROZ, 2011, P.31); “Cordulina levantou-se para balançar o menino que acordou chorando.”(QUEIROZ, 2011, P.28) e “ A mulher enfiou a saia e o casaco e foi cuidar do café.”(QUEIROZ, 2011, P.28). Nos trechos destacados analisamos uma mulher muito tradicional do nordeste que casou para servir ao marido e filhos ao contrario de Maria Déa da peça que vai embora com Lampião para fugir desses deveres que a deixam insatisfeita.

Refletindo sobre a ideia de Albuquerque Junior que diz no seu livro o seguinte: “o nordestino é descrito como um homem centrado na vida familiar, um homem apegado a terra, contra a qual luta insistentemente.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, P.211), identificamos no personagem Chico Bento este apego a terra, ao gado, a sua família (mulher e filhos), e tendo tanto apego pela terra em que vive e trabalha é que Chico Bento sente dor em deixá-la e em ter que abandonar a criação que cuida como mostra a citação a seguir:

E ao dar as costas, rumo a casa, de cabeça curvada como sob o peso do chapéu de couro, sentido nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada e um penoso arquejar no peito largo, murmurou desoladamente: - Ô sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome! (QUEIROZ, 2011, P.20).

Vemos nesta citação que depois de ter libertado o gado do curral, ele vai em direção a sua casa, pensativo com ar de tristeza, por não poder mais ficar ali cuidando do gado, chega a lagrimar seus olhos e palpitar seu coração, tamanha é seu sentimento pela terra. Notamos também que este sentimento de dor analisado aqui no personagem Chico Bento não é em nenhum momento detectado no personagem Lampião da peça, o que distancia ainda mais a representatividade dos personagens enquanto nordestinos.

Enquanto viaja por terra com sua família, Chico Bento enfrentou diversos desafios que por varias vezes deixaram-no mais perto da morte, como a fome, a sede, o fracasso, enfim inúmeras situações que dificultaram sua travessia com a família, no sertão seco e escasso. Dificuldades estas que Lampião, enquanto nordestino e viajante não passou com quanto ardor e sofrimento que a família de Chico Bento experimentou. Numa das passagens do livro destacamos a fome que Chico Bento passou durante sua travessia: “Levantou-se, bebeu um gole na cabaça. A água fria, batendo no estômago limpo, deu-lhe uma pancada dolorosa. E novamente estendido de ilharga, inutilmente procurou dormir” (QUEIROZ, 2011, P.48).

Durante sua viagem, Chico Bento sofreu também várias perdas, deixou sua cunhada por meio da viagem trabalhando para sobreviver, teve que se desfazer do animal que trazia com algumas bagagens, pois já estava muito magro e não aguentaria o resto da viagem. Mas a pior de suas perdas foi seu filho Josias que se envenenou comendo uma mandioca crua arrancada da terra, na tentativa de salvá-lo o pai traz para rezá-lo uma velha negra rezadeira, que não deu jeito ao envenenamento, como vemos no trecho a seguir: “A velha olhou o doente, abanou o pixaim enfarinhado: - Tem mais jeito não... Esse já é de Nosso Senhor...” (QUEIROZ, 2011, P.55). Fica comprovada neste trecho a existência do misticismo como componente cultural do homem nordestino. Assim como Lampião tinha suas crenças, Chico Bento possuía as suas e tentou por meio dessas salvar seu filho. Não conseguindo salvá-lo e não tendo como fazer um funeral para ele, teve de deixá-lo enterrado do lado da estrada apenas com uma cruz amarrada com dois paus encruzados.

Em meio a tanto sofrimento e perdas, Chico Bento tentava arranjar algum trabalho, por meio do caminho, que desse para pagar algo para ele comer com a família. Como se descreve na citação seguinte: “Chico Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas,

arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha.” (QUEIROZ, 2011, p.62). Atitude esta que enfatiza bem a posição de submissão de Chico Bento por depender de algo ou alguém para ter ao menos o que comer. Esse tipo de atitude não se demonstra no personagem Lampião, já que este não era nem empregado nem submisso a ninguém e por isso não precisava se humilhar para adquirir o que comer nem o que quisesse possuir, que fosse de qualquer valor humano ou materialista.

Analisamos na obra que o personagem Chico Bento era oprimido, não só por causa da seca mais também por outros personagens que tinham mais condição financeira que ele. Esses personagens da sociedade da época tinham preconceitos com pessoas iguais ao Chico Bento, o que resultava em desconsiderá-lo da sociedade fazendo com que ele tivesse menos valor que um simples animal de criação, morto para tentar amenizar a fome da família. Como notamos no trecho a seguir que o dono da criação prefere deixar Chico Bento e sua família morrerem de fome, do que dar um pedaço de carne da criação morta, jogando para eles apenas as tripas sujas. “Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha! [...] – Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!...”(QUEIROZ, 2011,P.67). Vê-se que a sociedade não respeitava o retirante, que na busca de melhoras, atravessava o sertão nordestino, com a necessidade de ajuda para sobreviverem a esta viagem dolorosa e que não tinha um resultado certo a não ser pela esperança dos retirantes que não os abandonava. Essa visão e tomada de atitude da sociedade que não ajudava o sertanejo que buscava atravessar o sertão, era contrária a visão da sociedade na peça, onde Lampião era respeitado e temido pela sociedade.

A sorte de Chico Bento só mudou quando um velho compadre seu, que ocupava o cargo de delegado, o reconheceu quando procurava encontrar seu filho Pedro que “tinha tomado sumiço”. Só aí ele pôs algo de comida formidável no estômago desde que tinham partido. Embora não tenha conseguido achar o filho perdido, com a ajuda do compadre comeram, trocaram suas vestes e conseguiram embarçar em um trem para a capital. Para Chico Bento só lhe restava sua mulher e mais três crianças. Por lá foram acolhidos por Conceição e colocados em um alojamento para retirantes. O personagem Chico Bento obteve ajuda para chegar a um lugar menos doloroso do que estava graças não à sociedade, mas a algumas pessoas que tinham compaixão pelo próximo e que conheciam a família. Sorte esta que Lampião nunca precisou na peça, pois nunca seus capangas tiveram que ajudar-lhe e sim lhe tiveram que obedecerem.

Ao final o retirante alcançou seu objetivo depois de tantas barreiras atravessadas no decorrer da travessia do sertão. Iam para o destino tão sonhado e desejado onde sempre havia inverno. Mas mesmo na sua ida, e depois de ter passado por longas situações de desprezo, ainda nota-se uma fala que representa a visão da sociedade com relação ao retirante, no trecho a seguir: “– Tem gente pra tudo, neste mundo! Uma moça branca, tão bem pronta, chorar mode retirante!...” (QUEIROZ, 2011, P, 114). Podemos perceber a visão crítica de alguns personagens da sociedade em relação ao retirante que viajava na tentativa de alcançar melhorias para si e sua família, como no caso do personagem Chico Bento. A sociedade não respeitava a classe submissa, que no tempo de seca era obrigada a ir embora à busca de tempos melhores para escapar desta.

Essa submissão e resistência à seca do personagem Chico Bento demonstra um nordestino telúrico, que mostra no seu conteúdo, uma adaptação à natureza e que luta contra o meio, a seca, a aridez do meio físico em que vive para sobreviver. O meio influenciava diretamente na sua constituição enquanto homem nordestino.

4. PONDERAÇÕES FINAIS

Destacamos, acerca das duas obras analisadas acima, os dois personagens Lampião da peça e Chico Bento do livro, como sendo personagens característicos do homem nordestino. Pois os dois personagens discorrem de características que ajudaram a formar alguns estereótipos dos tipos nordestinos das épocas passadas e que persiste atualmente.

Destacam-se nas obras semelhanças e diferenças muito interessantes a ponto de serem analisadas como estudo literário. Uma das características das obras, que podemos citar como semelhanças nas duas obras são as paisagens do nordeste, como a seca, os recursos de deslocamento, animais de carga como cavalos e burro. Outra característica semelhante é a religião dos personagens Lampião e Chico Bento, quanto a suas crenças nos santos, a mística exibida nas suas crenças particulares como rituais no caso de Lampião e rezadeiras no caso de Chico Bento.

Em termos de diferenças entre as obras, a nossa análise destaca a representatividade do homem nordestino nas obras, focando-se nos personagens Lampião e Chico Bento, pois embora sejam os dois, personagens nordestinos, ambos viveram situações diferentes determinadas por vários constituintes sociais.

No personagem Lampião, destacamos as características de um homem nordestino valente, que não temia a nenhum outro homem. Sua personalidade é cheia de desconfiança com todos que se relacionava, mesmo os que eram do seu sangue. Possuía muita virilidade, queria sempre mostrar que era ele o rei do cangaço, possuía orgulho, e defendia a sua honra a todo custo. Não permitia que ninguém tocasse ou usasse o que era seu ou em quem fosse dele, no caso Maria Bonita. Representava um homem destemido, respeitado por todos, pois a recusa dessas ações significava a sentença de morte. E não respeitava nem padre, nem freira, nem ninguém que tivesse sangue nas veias igual a ele. Não temia a morte em si, mas temia ser traído por seus companheiros ou parceira, desconfiando de todos.

No personagem Chico Bento por sua vez destacamos as características de um homem nordestino submisso, vivia do campo, trabalhava para sobreviver, temia a seca como fator que poderia lhe levar a morte. Dependia de outras pessoas para sobreviver com a família. Possuía afeto, compaixão pelo próximo. Não desconfiava da intenção dos outros. Nunca ameaçou nenhuma vida humana. Tinha um orgulho escasso, apenas de homem do campo. Não era rude. Possuía componentes típicos de homem que vive para a família e para seu trabalho, não tinha ambição na vida.

Como vimos, os personagens são montados com características particulares determinadas de acordo com a sua virilidade. Enquanto que o personagem Lampião era respeitado pela sociedade enquanto cangaceiro, o retirante Chico Bento era reprimido por ela. Seus desejos e ambições eram totalmente diferentes, enquanto Lampião tinha a ambição de conquistar uma parte do sertão só para si, sem interferência do poder do estado, Chico Bento sonhava em mudar a realidade de sua vida com a família e chegar a um lugar onde não faltasse inverno. Seus comportamentos psicológicos eram diferentes, pois, Chico Bento era inferiorizado pela sociedade ao contrário do personagem Lampião que era julgado com uma visão superior aos outros homens pela sua destreza.

Há nas obras muitos pontos de pesquisa, em cada um dos personagens analisados, Lampião sendo um personagem mais desbravado, possuindo a virilidade em suas ações e sendo reconhecido pela sociedade, e Chico Bento sendo fraco menosprezado pela sociedade de qual faz parte, representando apenas um sobrevivente da seca do sertão.

Identificamos representações do homem nordestino nas obras, mas há ainda muitas relações a serem destacadas nelas com um estudo mais aprofundado e detalhado sobre os personagens principais e sua ligação com a visão do nordeste masculino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: intervenção do “falo”- uma história do gênero masculino. 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

CAMELO FILHO, José Vieira. **Lampião, o senhor e sua gente**. 2 ed. Ampl. e atual. São Paulo: do autor. 2008.

QUEIROZ, Rachel de. **Lampião**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 93 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

GRUSPAN-JASMIM, José. **Lampião**: senhor do sertão: vidas e mortes de cangaceiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.